



# XIV Encontro Nacional da ANPUR

23 a 27 · maio · 2011 · Rio de Janeiro

---

XIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR

Maio de 2011

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

---

URBANIZAÇÃO DISPERSA E EXPANSÃO URBANA: COMPLEXO TURÍSTICO DA COSTA DO  
SAUÍPE E CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS, AMBIENTAIS E ESPACIAIS

**Ellen Pabst dos Reis** (UFF) - [pabst.ell@gmail.com](mailto:pabst.ell@gmail.com)

*Estudante de Graduação da Universidade Federal Fluminense - Arquitetura e Urbanismo*

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar um estudo de caso do Complexo Turístico da Costa do Sauípe. O *resort* foi inaugurado no ano de 2000 (apenas a primeira fase), e fica localizado no litoral norte da Bahia. Pretende-se analisar algumas consequências sócio-espaciais que sua implantação e posterior funcionamento vêm trazendo e o que pode ser feito para apaziguar estes impactos.

A metodologia de trabalho consistiu na leitura de conceitos e de estudos de casos diversificados, além de observação do local-objeto de estudo e entrevistas com usuários. Foi preparada uma conceituação teórica, delimitando-se os significados de urbanização dispersa, turismo e *resort*. Estes conceitos serão apresentados *a priori* para uma melhor compreensão do estudo de caso.

## URBANIZAÇÃO DISPERSA E NOVAS FORMAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO

Antes de se apresentar um tipo específico de tecido urbano, deve-se levar em conta que cada um é resultado da combinação de inúmeros fatores, que vão sempre se modificando ao longo da história. Devem-se buscar esses fatores, ou seja, as entrelinhas da urbanização, para que esta seja compreendida por completo. “*Sem o entendimento do espaço intra-urbano, de grupos sociais e interesses diversos em sua condição de projeto e obra, a urbanização é uma abstração.*” (REIS, 2006, p. 27).

Para se explicar os novos fenômenos que estavam acontecendo mais recentemente no urbanismo, foram realizados diversos encontros de especialistas. Daí surgiram novas hipóteses e tentativas de elaboração de conceitos, como o da urbanização dispersa (que ainda não está completamente formado). Segundo Francisco Monclús (1998),

o interesse pelos processos de suburbanização e a eventual ‘dissolução’ da cidade compacta tradicional em uma cidade cada vez mais dispersa e fragmentada já é uma constante na reflexão urbanística das últimas décadas. [...] Se começa a considerar obsoleto ou limitado mesmo o termo ‘área metropolitana’ por mostrar-se incapaz de dar conta das novas situações urbanas e técnicas. (apud REIS, 2006, p. 34).

Há a falta de uma terminologia uniforme em relação ao assunto, mas Nestor Goulart Reis explica que “*a expressão ‘dispersão urbana’ permite evidenciar as tendências à distribuição de pontos urbanizados sobre a totalidade dos territórios atingidos pelo processo, em meio a áreas tipicamente rurais [...].*” (REIS, 2006, p. 51).

Para se compreender a dispersão urbana, deve-se voltar para o fim da Segunda Guerra Mundial. Nesta época, nos Estados Unidos, iniciou-se a disseminação do automóvel, ampliando a mobilidade das pessoas. Somado a isso, após os anos 60, passa-se a valorizar mais o contato com a natureza. Assim, as classes mais abastadas passaram a buscar moradias em locais mais distantes do centro e de seus problemas.

No Brasil, as cidades apresentavam um centro cada vez mais concentrado e verticalizado, o que expulsava, aos poucos, a população mais pobre para a periferia. Mais recentemente, sob a influência dos Estados Unidos, houve uma busca das áreas mais distantes pelas classes mais altas (no mesmo desejo de se ter maior qualidade de vida). Surge então, aqui, uma nova forma de urbanização. Há uma valorização dessas áreas e substitui-se, aos poucos, o modelo anterior de urbanização, pautado na dicotomia centro X periferia (ricos X pobres).

Para quem pode ir morar num local mais próximo à natureza, seguindo esse novo estilo de vida enaltecido pela modernidade, não importa o quão distante do centro é o lugar. Há uma perda da importância do centro urbano consolidado, e o uso do carro torna-se essencial.

No fim dos anos 60, William H. Whyte (apud KIEFER, 2003, p. 1) caracterizou como *urban sprawl* (ou *sprawl*) o processo chamado, no Brasil, de dispersão urbana: a cidade extravasa os limites físicos da mancha urbanizada, aumentando-se as distâncias entre os núcleos de uma mesma dinâmica regional. Neste contexto, uma das questões envolvidas na expansão urbana e no conceito de *urban sprawl* é a crescente mobilidade espacial da população e uma relativa autonomia destes deslocamentos urbanos diários. Isso é proporcionado pela difusão da indústria automobilística. Assim vão sendo criados os subúrbios, que são, para Robert Fishman (1987) “*sempre funcionalmente dependentes de um núcleo urbano central.*” (apud REIS, 2006, p. 30).

Outra consideração a se fazer é que este é um processo social, que decorre da valorização da natureza. Daí surge uma contradição: se por um lado a população passa a viver predominantemente nas cidades, por outro, quer “voltar” para a natureza. Por isso, passa-se então a viver mais distante dos grandes centros, mas estas distâncias não importam, devido ao uso do carro. Este padrão pode acabar por trazer efeitos negativos, ainda não estudados em sua totalidade. Um exemplo dado por Robert Fishman (2001?): “*a região metropolitana sofre com a dispersão (sprawl), a insuficiente pulverização de população que degrada o ambiente.*” (apud REIS, 2006, p. 31).

Essa nova forma de ocupação traz necessidades para os seus usuários, que precisam de comércio e serviços próximos às suas residências. Se no início mudar-se para um local mais longe parece uma grande vantagem, ao longo do tempo certas demandas vão surgir para atender a novos padrões de consumo, e assim estes locais, a princípio, de uso quase exclusivamente residencial, começam a ter seus pequenos centros comerciais. São formados “*verdadeiros simulacros de cidades em áreas relativamente distantes e até certo ponto desconectadas do contexto dos centros urbanos consolidados.*” (OJIMA, 2010, p. 50).

Não se deve confundir essa nova tipologia de ocupação territorial como uma inspiração em formas de viver do passado. Trata-se de

todo um conjunto de novas significações e representações sociais que permeiam não apenas aquela parcela da população de poder aquisitivo mais elevado, mas também um novo estilo de vida que é disseminado para todas as sociedades e camadas sociais [...]. (OJIMA, 2010, p. 50).

O que vai diferenciar a suburbanização da dispersão urbana é que no segundo caso ocorre a separação da periferia urbana em relação à cidade central. Para Robert Fishman (1987), essa separação é um “[...] *fenômeno tão extraordinário quanto único, não é uma suburbanização mas uma nova cidade.*” (apud REIS, 2006, p. 30).

Anteriormente, a malha urbana era contínua e se expandia naturalmente. Hoje, ela se dissemina “*de forma difusa e segmentada, sem que haja necessariamente uma continuidade e contiguidade física entre os aglomerados, e emerge em diversos pontos e manchas.*” (LIMONAD, 2005, p. 6). O território disperso tem como características “*a descontinuidade, a distância física, com frequência o encapsulamento [...]. Há uma segregação social em escalas espaciais inéditas, [...] o empobrecimento, especialização e privatização do espaço público [...].*” (LÓPEZ DE LUCIO, 1998 apud REIS, 2006, p. 35). Pode ser considerado um território autônomo, por ter “*sua própria infraestrutura, seus serviços e espaços de uso comum.*” (REIS, 2006, p. 147).

As mudanças que estão ocorrendo nos padrões de tecido urbano resultam na formação, em algumas cidades, de áreas periféricas, em descontinuidade ao já existente. Somado a isso, há

a formação de novos núcleos, com múltiplas formas de utilização, em pontos isolados, entre várias cidades, que correspondem mais exatamente ao que estamos chamando de urbanização dispersa ou difusa. [...] Esta pode ser considerada uma modalidade de metropolização extensiva, dispersa, descontínua e policêntrica. (REIS, 2006, p. 49).

No caso da Bahia, pode-se notar que este modelo de ocupação difusa está acontecendo em diversos pontos, como ilustrado na Figura 1 e confirmado por Ester Limonad: “Verifica-se [...] a partir de Salvador na direção norte até a divisa com o estado do Sergipe uma ocupação urbana incipiente e fragmentada, passível de ser caracterizada no médio prazo como uma urbanização dispersa [...].” (LIMONAD, 2007, p. 74). Além disso, “a própria configuração geral das áreas urbanizadas, ao longo do litoral, em núcleos separados entre si, correspondentes às diferentes praias, é em si uma forma de dispersão.” (REIS, 2006, p. 136).



**Figura 1:** Litoral do município de Mata de São João, Bahia. Podem ser vistos alguns dos pontos de ocupação, sendo a maior parte localizados em algumas praias, como Praia do Forte, Imbassaí, Santo Antônio, e destacada em vermelho, a Costa do Sauípe. As linhas representam os logradouros mais importantes. Observa-se que na Costa do Sauípe não há ruas marcadas, enquanto que em Imbassaí e na Praia do Forte há uma razoável ocupação.

Fonte: Edição da autora

O que diferencia este caso do citado anteriormente (Estados Unidos) é que no anterior, a busca das pessoas por um contato maior com a natureza gera uma ocupação espacial constituída basicamente por habitações. Já no caso do litoral norte da Bahia, a ocupação é composta, em sua maioria, de aglomerações ou núcleos dispersos, como Praia do Forte, Imbassaí, Costa do Sauípe, onde a característica predominante é a presença de hotéis e de grandes complexos hoteleiros (*resorts* que podem ou não incluir, em seu interior, condomínios de segunda residência). O uso é que varia: em um caso seria moradia, e em outro, o turismo. Mas o que importa é que em ambos a motivação é a mesma: a fuga dos grandes centros.

Vale lembrar que toda essa mudança nas formas de expansão urbana vem de mudanças sociais. Por exemplo, as novas formas de gestão do espaço implicam em modificações no próprio espaço.

No caso dos complexos turísticos – que são espaços privados – a gestão é feita por empresários, e não pelos administradores municipais. *“Passa-se a existir uma organização coletiva de serviços para grupos de usuários, à margem dos controles oficiais.”* (REIS, 2006, p. 66). Essa organização pode vir de iniciativa própria dos usuários ou dos empresários dos setores interessados. Dessa forma, *“os megaempreendedores são ao mesmo tempo incorporadores, administradores de hotéis, construtores e gestores dos complexos urbanos de usos múltiplos.”* (REIS, 2006, p. 58).

Pode-se concluir que *“sem as formas condominiais, sem as formas coletivas de organização e sem a autonomia dos projetos, no que se refere aos serviços e à infraestrutura, não seria possível a dispersão urbana.”* (REIS, 2006, p. 59).

## **TURISMO: UMA BREVE CONCEITUAÇÃO**

O turismo pode ser caracterizado, antes de tudo, como uma prática social, que vem mudando ao longo de sua história, devido à dinamicidade das sociedades, e até mesmo por isso o seu conceito é bastante polêmico, e sempre vem sendo debatido e modificado.

Entre as diversas definições de turismo deve-se destacar a adotada pela Organização Mundial de Turismo (OMT), órgão mundial oficial de turismo. Segundo essa organização,

o turismo é uma modalidade de deslocamento espacial, que envolve a utilização de algum meio de transporte e ao menos um pernoite no destino; esse deslocamento pode ser motivado pelas mais diversas razões, como lazer, negócios, congressos, saúde e outros motivos, desde que não correspondam a formas de remuneração direta. (apud CRUZ, 2003, p. 4).

As localidades turísticas vêm se orientando, na maior parte dos casos, em função da lógica do lazer. Costa do Sauípe, assim como os *resorts* em geral, têm este tipo de turismo como foco principal.

Para se apropriar dos espaços, a prática social do turismo precisa operar em determinado território. Assim, objetos turísticos precisam de saneamento básico, telefonia e internet, energia, acesso viário... É bastante importante que este território seja escolhido criteriosamente, para que seja mais fácil ou mais viável a conexão com uma infraestrutura já existente. No caso de Costa do Sauípe, que foi implantado num local afastado, toda a infraestrutura teve que ser criada.

No que tange aos *resorts*, estes são hotéis mais sofisticados. Ficam localizados distantes dos centros urbanos e próximos a atrativos naturais. Neles são oferecidos serviços diferenciados, para que o hóspede permaneça lá dentro a maior parte do tempo, consumindo apenas produtos do empreendimento.

A aplicação mais completa do conceito é formada pelos *resorts* destino, ou seja, hotéis que se constituem no próprio destino do turista. Eles normalmente oferecem uma gama mais ampla de serviços e atividades recreativas que são, em si, o objetivo de uma viagem de turismo.

## **ESTUDO DE CASO: O PROJETO DA COSTA DO SAUÍPE, NA BAHIA**

Somente na década de 1990, políticas de turismo no Brasil criaram condições para a objetivação de corredores turísticos, principalmente os litorâneos. Conforme Anuário Estatístico dos Transportes (GEIPOT, 2000), 96% dos indivíduos transportados no Brasil em 1999, utilizaram o transporte rodoviário. Daí justificaram-se os investimentos em rodovias, na época, para que se objetivassem os corredores turísticos citados anteriormente.

Concebida como um eixo de ligação entre regiões litorâneas, a Rodovia Linha Verde liga a Praia do Forte (Município de Mata de São João-BA) à divisa com o estado de Sergipe. Tem 142km de extensão. Desde que foi inaugurada, em 1993, atraiu diversos equipamentos de hospedagem e de lazer, e a partir de 2000, proporcionou um dos mais importantes frutos do turismo brasileiro: o Complexo Hoteleiro da Costa do Sauípe.

Para atrair turistas nacionais foi fácil. Mas faltava atrair os estrangeiros. Com os diversos acontecimentos nos seus destinos turísticos usuais, que os fizeram abrir os olhos para o Brasil, como enchentes e *tsunamis* na Ásia, tensões políticas e religiosas no Oriente Médio, furacões e terremotos no México e América Central etc, foi só investir em propaganda internacional e aumentar a oferta de voos vindos da Europa e dos EUA. Estava montado, então, o esquema para atraí-los.

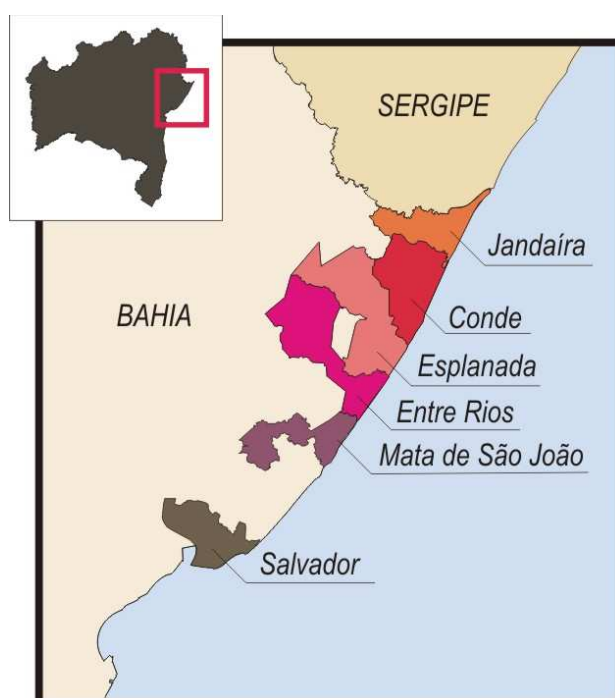
## **O INÍCIO DO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO LITORAL NORTE DA BAHIA**

Até os anos 70, o litoral norte baiano apresentava base econômica consolidada na agricultura de subsistência e nas atividades extrativistas. Desde 1990, a atividade turística emergiu ali. Com isso, a região foi preparada para a consolidação desta, através de três intervenções governamentais: formulação e implementação do Programa de

Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR/NE), criação da Área de Proteção Ambiental do Litoral Norte (APA-LN) e construção da Linha Verde (Rodovia BA-099).

Concluída em 1993, a Linha Verde tornou possível o acesso a uma região até então preservada, relativamente, em seus recursos naturais e paisagísticos, e em suas tradições sociais, culturais e arquitetônicas. Isso exigiu a criação de alguma forma de proteção.

Foi criada, então, a APA-LN, com área de 1.400m<sup>2</sup>, 142km de extensão e 10km de profundidade (sentido leste-oeste). Abrange cinco municípios: Jandaíra, Conde, Esplanada, Entre Rios e Mata de São João (Figura 2).



**Figura 2:** Salvador, capital da Bahia, e os cinco municípios onde está localizada a APA-LN.  
Fonte: Edição da autora

Visando reduzir impactos ambientais negativos ao longo da APA-LN e estabelecer diretrizes para uma ocupação compatível com a diversidade e a fragilidade dos ecossistemas existentes, foi aprovado em 1995 o Plano de Manejo da APA-LN, tendo como Órgão Gestor o Centro de Recursos Ambientais (CRA).

Somado a isso, a oferta de voos regulares da Europa aumentou e as revistas de bordo das companhias aéreas, agências de viagens europeias e até mesmo imobiliárias (com vendas de casas de segunda residência, em geral no interior dos *resorts*) investiram pesado em propagandas para que o país se firmasse como um destino turístico que oferecesse este tipo de turismo.



## CARACTERÍSTICAS DA COSTA DO SAUÍPE

Após desembarcar no Aeroporto de Salvador, percorra 76km pela Linha Verde (Rodovia BA-099) e... Sorria, você chegou à Costa do Sauípe! Considerado o maior pólo de turismo, lazer e negócios da América do Sul, “o Projeto da Costa do Sauípe envolve uma área de 1.755ha da Fazenda Sauípe.” (ANDRADE et alli, 2002, p. 9). Localizado no município de Mata de São João, no interior da APA do Litoral Norte do Estado da Bahia, este empreendimento de 8km de extensão de litoral está na Zona Turística Litorânea denominada de Costa dos Coqueiros. A Figura 3 mostra um esquema do Complexo.



**Figura 3:** Mapa Esquemático da Costa do Sauípe.  
(Disponível em: <<http://www.costadosauipe.com.br>>  
Acesso em: 27 nov. 2010, 15:10:00)

Segundo Andrade et alii (2002, p. 9), a Fazenda Sauípe, de propriedade da Odebrecht S.A., caracterizava-se pelo predomínio de atividades agropecuárias tradicionais, através do uso direto de recursos naturais. A área é bem provida de recursos hídricos, servida pelos rios Sauípe e Santo Antônio e pelos mananciais de dois sistemas aquíferos subterrâneos. Existem ecossistemas de Mata Atlântica e maciços representativos da mesma em vários estágios de regeneração. Como percebido na Figura 4, a área construída está bem inserida na área verde, e nas Figuras 5, 6 e 7 podem-se ver imagens do local.



**Figura 4:** Foto aérea da Costa do Sauípe (trecho).

(Disponível em: <<http://www.informs.conder.ba.gov.br/website/mapaMSJOAO/viewer.htm>>

Acesso em: 10 dez. 2010, 18:37:00)

Costa do Sauípe caracteriza-se por ser um projeto turístico-hoteleiro voltado para os mercados turísticos nacional e internacional. “A sua propriedade é dividida entre a Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil (Previ), que detém 96,7% do empreendimento, e a Odebrecht S.A., detentora dos 3,3% restantes.” (ANDRADE et alli, 2002, p. 9).



**Figuras 5 e 6:** Praia, dunas, lagoas e coqueiros – belezas naturais e paisagismo

(Disponíveis em: <<http://www.viajenaviagem.com/2010/10/resorts-all-inclusive-no-nordeste-sauipe-park>> Acesso em: 27 dez. 2010, 19:00:00)



**Figura 7:** Dunas em áreas de preservação ambiental (Foto: Sarah França, 2010)

Com as obras de infraestrutura básica dotadas pelo Governo do Estado da Bahia, a primeira etapa do Projeto da Costa do Sauípe foi inaugurada em outubro de 2000. Segundo o Portal de Turismo da Bahia (Disponível em: <<http://www.bahia.com.br/cidades/costa-do-sauípe-mata-de-são-joão>> Acesso em: 23 dez. 2010, 21:00:00), o Complexo abrange cinco hotéis com nível internacional, restaurantes, estrutura esportiva e um centro de entretenimento, podendo abrigar até 3,5 mil hóspedes. Comporta, em um único salão de um dos grandes hotéis, 1,2 mil congressistas. Há também seis pousadas temáticas, localizadas na Vila Nova da Praia (Figuras 8 e 9). Esta reproduz

um típico vilarejo praiano com todo o romantismo de uma capela colonial e ruas calçadas com paralelepípedos. Em cada uma, traços regionais peculiares remetem o hóspede a algum encanto da Bahia. [...] Com a proposta de buscar uma integração com o meio ambiente, o paisagismo do empreendimento foi desenvolvido com vegetação original da região, que possui coqueirais, manguezais, restingas, dunas, rios e lagoas, além de trechos de Mata Atlântica. (PORTAL DE TURISMO DA BAHIA. Disponível em: <<http://www.bahia.com.br/cidades/costa-do-sauípe-mata-de-são-joão>> Acesso em: 23 dez. 2010, 21:00:00).



**Figuras 8 e 9:** Vila Nova da Praia, com seus restaurantes e shows a céu aberto. (Disponíveis em: <<http://www.viajenaviagem.com/2010/10/resorts-na-bahia-costa-do-sauipe>> Acesso em: 27 dez. 2010, 17:35:00)

Segue-se a descrição das pousadas (Figuras 10 e 11) dada por um site oficial de turismo da Bahia:

[A primeira pousada] reproduz o cenário de uma aldeia de pescadores; [a segunda] faz referência à cultura nordestina com arquitetura colonial e clima de forró; [a terceira] é inspirada no primeiro castelo medieval construído no Brasil por Garcia d'Ávila; [a quarta] remete às sacadas, balcões e cores do conjunto arquitetônico colonial do Centro Histórico de Salvador; [a quinta] tem fachada em estilo colonial nas cores dos mais famosos blocos afros da Bahia; [a sexta] homenageia o escritor baiano Jorge Amado, preservando características típicas dos casarões de Ilhéus, cidade natal do romancista. (PORTAL DE TURISMO DA BAHIA. Disponível em: <[www.bahia.com.br/cidades/costa-do-sauípe-mata-de-são-joão](http://www.bahia.com.br/cidades/costa-do-sauípe-mata-de-são-joão)> Acesso em: 23 dez. 2010, 21:00:00).



**Figuras 10 e 11:** Pousadas na Costa do Sauípe.

(Disponíveis em: <<http://www.viajenaviagem.com/2010/10/resorts-no-nordeste-sauipe-pousadas>> Acesso em: 27 dez. 2010, 17:40:00)

Um detalhe a se observar: pode ser visto o caráter cenográfico de Vila Nova da Praia, que de “típico vilarejo” não tem nada, e das pousadas. A sociedade atual está sempre em busca da perfeição, e assim transforma tudo em consumo, até mesmo as cidades, e faz simulacros das mesmas em locais completamente distantes, para que não haja de fato um contato com a cidade real. Não há interesse neste contato, pois os *resorts* desejam ser o destino único do turista, e acabam sendo locais tão cheios de perfeição, que nem os próprios turistas sentem a necessidade de vivenciar o real, em uma cidade de fato, com seus atores de verdade, seus prédios de verdade, sua vida.

## **PROBLEMAS SOCIAIS, AMBIENTAIS E ESPACIAIS**

Serão analisados, neste item, algumas das questões sociais, ambientais e espaciais trazidas pela implantação e pelo funcionamento do Complexo Hoteleiro. Tanto este empreendimento quanto alguns dos conceitos urbanísticos aqui abordados são muito recentes, por isso nem todos os problemas podem ser citados. Nem tudo o que tange ao local foi estudado ou consolidado. Pode-se citar os seguintes:

- Restrição ao acesso das comunidades tradicionais de Porto Sauípe às praias e aos manguezais de Barra de Sauípe: “privatização” de uma área de restinga na praia da Barra de Sauípe para a instalação de equipamentos turísticos: segundo Andrade et alli (2002, p. 12), a Prefeitura Municipal de Entre Rios, respaldada pela Lei de Gerenciamento Costeiro, concedeu alvarás de funcionamento aos barraqueiros e determinou a demolição da área construída pela empresa, o que não foi cumprido.

- Restrição ao acesso das populações tradicionais às reservas naturais de Mata Atlântica: as comunidades locais sobrevivem do trabalho autônomo relacionado ao uso, beneficiamento e/ou comercialização direta dos recursos naturais, como produção de coco, coleta de frutas, pesca, mariscagem, artesanato da palha de piaçava etc. A implementação

desse grande empreendimento turístico acaba, então, por desestruturar sistemas locais de produção social.

- Modificação na relação entre os espaços públicos X privados: os complexos turísticos apresentam muitas das características do tecido urbano tradicional. *“Mas não se trata mais de um conjunto de relações entre espaços públicos e propriedades imobiliárias privadas. São espaços de uso coletivo entre propriedades privadas, no quadro de condomínios, o que é completamente diferente.”* (REIS, 2006, p. 146). Daí surgem novas formas de gestão do tecido urbano, substituindo-se a pública pela privada (já que todo o espaço, neste caso, é privado), originando-se assim *“formas de coletivação impensáveis em décadas anteriores.”* (REIS, 2006, p. 150).

- Minimização dos perímetros de competência das autoridades locais: *“nas áreas de urbanização dispersa e extensiva, os perímetros de competência das autoridades locais já não coincidem com os dos novos pólos e centralidades.”* (GARREAU, 1991 apud REIS, 2006, p. 164). Nessas áreas, há uma limitação da competência da administração local, por serem espaços sob controle privado. Nestes casos, *“a legislação existente ainda não dá conta das novas situações.”* (REIS, 2006, p. 164). Em muitos lugares, o que acontece é que

as normas urbanísticas são contornadas, as áreas de preservação histórica são descaracterizadas e as áreas de preservação ambiental são degradadas. Ironicamente, o são pelos empresários do setor imobiliário e, também ironicamente, pelos habitantes dos setores de renda média e alta, que são os que recentemente pressionam com mais força em defesa da qualidade de vida urbana. (REIS, 2006, p. 149).

- Imitação das atmosferas urbanas, o que produz uma falsa centralidade urbana: têm-se espaços públicos encenados (fato citado anteriormente) e grande importância dada ao comércio (já que é um ambiente criado para o consumo). Assim, tudo é perfeito e inexistente a cultura espontânea dos atores e agentes nos espaços. A prioridade é a estética, e só se entra ali quem pode pagar. O espaço não é público, é um produto, é um espaço de consumo. Diante disso, Henri Lefebvre caracteriza a sociedade contemporânea como

[uma] sociedade de consumo [que] produz centros de lazeres, caracterizando cidades de luxo e de prazeres. Nessas cidades, o domínio prevalece sobre a apropriação, negando a possibilidade do lúdico no espaço urbano, agora instrumentalizado para o turismo e a diversão programada e previsível. (apud SERPA, 2007, p. 108).

A estética urbana atual é exibicionista, procurando incentivar o consumo cultural. Acaba por *“tornar as cidades cada vez mais parecidas, contribuindo para a homogeneização dos lugares.”* (SERPA, 2007, p. 109).

▪ Impactos na identidade local: a atividade turística, ao se apropriar de espaços, reinventa o cotidiano das pessoas dali. Com isso, a lógica do turismo apresenta novos valores, símbolos, referências e expectativas às populações, sobrepondo-se às tradições locais e à própria identidade.

▪ Os muros e os limites: surgem em nome da tão falada “insegurança”, mas na verdade se quer manter um ambiente com controle total, em que tudo o que acontece é previsto, ensaiado e repetido mecanicamente. A localização desses complexos distante dos centros, que configura a dispersão urbana, não acontece por acaso. É mais fácil controlar um lugar afastado, pois só passa por ali quem realmente quer entrar (ou melhor, quem tem dinheiro para isso). E desta forma se tem um ambiente exclusivo, longe de favelas, trânsito caótico, flanelinhas, pedintes, e tudo o mais de indesejável que um grande centro pode oferecer. Entretanto, esvaziam-se, nas cidades, *“os espaços de convivência e uso público, adequados para a consciência social e a formação da consciência cívica.”* (REIS, 2006, p. 69). Assim, dificulta-se, ou até mesmo se impede, a construção de uma identidade comum aos turistas e aos habitantes da cidade, que é um local que recebe a todos democraticamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “jogo” urbano proporciona, para todas as pessoas, diversos encontros... Nele acontecem o previsível e o planejado, mas também o improvável, o impossível que pode acabar acontecendo, o imprevisto que nos surpreende e o movimento constante de tudo e de todos. Este “teatro” urbano *“ou é um ‘teatro espontâneo’ ou não é nada!”* (LEFEBVRE, 2010, p. 133).

Os complexos hoteleiros devem se preocupar com a estética, a perfeição e a segurança? Sim, mas deve-se tomar cuidado pra não serem espaços falsos e completamente murados e isolados do ambiente à sua volta, de forma que não se identifiquem com o local em que foram implantados.

Por mais que estejam longe dos grandes centros, como é o caso da Costa do Sauípe, deve-se buscar uma identificação real com a região em que se encontra, com as populações locais, não deixando-as de fora do ambiente que um dia foi delas e de repente perderam. Assim, poderiam se ter experiências mais ricas, tanto para as populações locais quanto para os próprios turistas. Para que atores? Para que cenários? Para que segregação? Que pobreza de experiências... A vida lá fora é tão rica, é tão interessante... É tão real!

Utilizando-se de ideias de Henri Lefebvre (1991), Serpa (2007) sugere uma excelente alternativa para o planejamento turístico, cuja

questão central é a construção de uma transversalidade lúdica que respeite as diferenças, mas que não as reitere, reinstalando a segregação. Vista assim, a cultura de massa poderia adquirir novos significados, extrapolando a adjetivação de standardizada, rudimentar, conformista e alienante, para ser entendida como uma chance para o resgate do sentido lúdico dos encontros e da festa. (SERPA, 2007, p. 115).

Deve-se defender, então, as cidades para que sejam mantidas reais, não virando cidades cenográficas para o turismo, ou seja para o que for. Deve-se dar vida própria aos lugares, atuando nos espaços livremente, e que o “teatro” seja, por isso, o mais espontâneo possível. Deste modo, a experiência do turismo e da vida como um todo será muito mais completa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, José Célio Silveira et al. Conflitos Sócio-Ambientais: Análise da relação entre o complexo Costa do Sauípe e atores locais. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 1., 2002. **Anais...** Indaiatuba: ANPPAS, 2002. Disponível em: <[http://www.anppas.org.br/encontro\\_anual/encontro1/qt/dimensoes\\_socio\\_politicas/Jose%20Celio%20Silveira%20Andrade.pdf](http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro1/qt/dimensoes_socio_politicas/Jose%20Celio%20Silveira%20Andrade.pdf)> Acesso em: 27 nov. 2010, 22:35:00.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges. **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2003.

COSTA DO SAUÍPE. Disponível em: <<http://www.costadosauipe.com.br>> Acesso em: 27 nov. 2010, 15:10:00.

COSTA DO SAUÍPE EM MATA DE SÃO JOÃO – PORTAL BAHIA. Disponível em: <<http://www.bahia.com.br/cidades/costa-do-sauípe-mata-de-são-joão>> Acesso em: 23 dez. 2010, 21:00:00.

CRUZ, Rita de Cássia. **Introdução à Geografia do turismo**. São Paulo: Rocca, 2003.

FREIRE, Ricardo. Costa do Sauípe, nova de novo. **Viaje na Viagem**. Rio de Janeiro, 07 out. 2010. Disponível em: <<http://www.viajenaviagem.com/2010/10/resorts-na-bahia-costa-do-sauipe>> Acesso em: 27 dez. 2010, 17:35:00.

\_\_\_\_\_. Sauípe Park, o verde. **Viaje na Viagem**. Rio de Janeiro, 07 out. 2010. Disponível em: <<http://www.viajenaviagem.com/2010/10/resorts-all-inclusive-no-nordeste-sauipe-park>> Acesso em: 27 dez. 2010, 19:00:00.

\_\_\_\_\_. Sauípe Pousadas, as econômicas. **Viaje na Viagem**. Rio de Janeiro, 07 out. 2010. Disponível em: <<http://www.viajenaviagem.com/2010/10/resorts-no-nordeste-sauipe-pousadas>> Acesso em: 27 dez. 2010, 17:40:00.

HASSENPFUG, Dieter. **Sobre Centralidade Urbana**. *In*: Arquitectos ano 08, jun. 2007. Disponível em: <[http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq085/arq085\\_00.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq085/arq085_00.asp)> Acesso em: 15 nov. 2009, 21:25:00.

IBGE CIDADES. **Censo 2010 de Mata de São João e Salvador – Primeiros Resultados**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 10 dez. 2010, 17:00:00

KIEFER, Mathew J. **Suburbia and Its Discontents – Notes from the Sprawl Debate**. *In*: Harvard Design Magazine, No. 19, set. 2003. Disponível em: <[http://www.gsd.harvard.edu/research/publications/hdm/back/19\\_onplanning.pdf](http://www.gsd.harvard.edu/research/publications/hdm/back/19_onplanning.pdf)> Acesso em: 20 nov. 2010, 00:34:00.

KONDO, Ana Luisa; LATERZA, Beatriz Landi. **Complexos Turístico-Residenciais: uma investigação sobre a situação e as perspectivas deste mercado no Nordeste brasileiro**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Universitário Senac, São Paulo, 2008. Disponível em: <[www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/espaco\\_academico/premio\\_mtur/downloads\\_premio\\_FGV/projetos\\_turisticos\\_residenciais\\_x\\_monografiax.pdf](http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/espaco_academico/premio_mtur/downloads_premio_FGV/projetos_turisticos_residenciais_x_monografiax.pdf)> Acesso em: 27 nov. 2010, 10:30:00.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2010.

LEITE, Rogério Proença. **Margens do dissenso: espaço, poder e enobrecimento urbano**. *In*: FRÚGOLI, Heitor et alii (orgs.). *As Cidades e seus Agentes: Práticas e Representações*. São Paulo/Belo Horizonte, Edusp/Puc-Minas, 2006, pp. 23-44.

LIMONAD, Ester. Entre a Urbanização e a Sub-Urbanização do Território. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 11., 2005, **Anais...** Salvador: FAU/UFBA, 2005. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br/anais/ena11/273.pdf>> Acesso em: 23 dez. 2010, 19:20:00.



\_\_\_\_\_. **“Yes, nós temos bananas!” Praias, condomínios fechados, resorts e problemas sócio-ambientais.** *In:* GEOgraphia, Vol. 9, No. 17 (2007). Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/215>> Acesso em: 27 nov. 2010, 16:25:00.

OJIMA, Ricardo. **Novos Contornos do Crescimento Urbano Brasileiro? O Conceito de Urban Sprawl e os Desafios para o Planejamento Regional e Ambiental.** *In:* GEOgraphia, Vol. 10, abr. 2010. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/234/221>> Acesso em: 27 nov. 2010, 15:10:00.

REIS, Nestor Goulart. **Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano.** São Paulo: Via das Artes, 2006.

SERPA, Ângelo. **Turismo e espetacularização.** *In:* O Espaço Público na Cidade Contemporânea. São Paulo: Contexto, 2007, pp. 107-116.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES GEOGRÁFICAS URBANAS DO ESTADO DA BAHIA. **Mapa do Município de Mata de São João.** Disponível em: <<http://www.informs.conder.ba.gov.br/website/mapaMSJOAO/viewer.htm>> Acesso em: 10 dez. 2010, 18:37:00